



## **VELHO É O OUTRO! ENVELHECIMENTOS E MASCULINIDADES NO CENTRO DE SANTA MARIA**

Gabriela Felten Maia<sup>1</sup>  
Fátima Cristina Vieira Perurena<sup>2</sup>

### *Introdução*

O tema deste estudo refere-se a envelhecimento e gênero e consiste em uma investigação realizada a partir das interações com homens que optam pelos espaços abertos do centro da cidade como ambientes de lazer, com idade superior a 60 anos, no centro de Santa Maria. Trata-se de investigar as representações de homens com relação ao envelhecimento, tendo como apoio teórico os estudos de gênero e envelhecimento sob a ótica das ciências sociais e como ponto de partida o entendimento de representação, conforme a perspectiva dos Estudos Culturais.

Para a realização do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo. Neste estudo, a compreensão do campo e os procedimentos de investigação que compõem o trabalho de campo aproximam-se de uma abordagem de cunho etnográfico, pois se entende que é através da observação direta e da participação no cotidiano que se podem reconhecer as representações e práticas como inseridas e produzidas em um determinado contexto social e cultural.

Ao propor a estudar as representações de velhice, tinha-se como pressuposto que, no contexto de pesquisa, a idéia de velhice entraria como um elemento de identificação e reunião em grupos de velhos no centro da cidade. A pesquisa revelou que a questão é bem mais complexa, pois neste espaço os homens entrevistados, mesmo aqueles com mais de 70 anos, não se consideravam velhos. Velhos eram os outros, aqueles que ficam em casa, que após aposentar-se entregam-se à espera da morte chegar. Neste contexto de pesquisa, não é a idéia de velhice, e muito menos de terceira idade, que entraria como um elemento importante na auto-identificação destes sujeitos. Neste espaço, o que está em jogo é uma resistência a um conjunto de características (físicas,

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais - Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (GEPACS-UFSM) - gabryelamaia@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais - Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGCS-UFSM) - perurena@terra.com.br



psicológicas, sociais, etc.) que tomadas como definidoras de diferenças nomeiam a identidade, definidora e definitiva, de velho e delimitam o campo de possibilidades dos sujeitos.

Compreende-se que o modo como homens com 60 anos ou mais produzem significados sobre envelhecimento está inserido em um campo, dinâmico e conflitante, de produção de práticas e discursos que permitem reconhecer e agrupar sujeitos como velhos ou não, a partir de determinados estatutos corporais. Nesse sentido, as diferentes formas de classificar os sujeitos e o significado que estas classificações adquirem para definir formas de envelhecer têm implicações no modo como diferentes atores agem frente ao envelhecimento humano.

Por isso, uma pesquisadora mulher e jovem que os identificava como pessoas velhas teve implicações na produção dos dados. Constantemente os homens advertiam de que no centro não tinha homens velhos. As brincadeiras e mentiras sobre suas idades eram frequentes. Em diversos momentos, os homens, ao serem questionados sobre a idade, perguntaram a pesquisadora, em tom de brincadeira, qual idade esta achava que eles tinham. Percebeu-se que aquilo que parecia ser uma brincadeira, na realidade tornava-se importante, caso a pesquisadora os reconhecesse como mais novos, principalmente vindo de uma mulher que se tornou, em alguns casos, uma parceria potencial.

Nestas situações, o corpo era o *locus* de conhecimento da velhice, pois através de um exame da aparência destes homens a pesquisadora era convocada a chegar a uma “conclusão” de sua condição de velho ou não. Conforme argumenta Alda Britto da Motta (2002), a identidade etária da velhice está marcada pela presença do corpo como definidor do que é ou não velho e do que é ou não é saudável. Durante todo o processo de pesquisa, principalmente na condição de parceria potencial, o corpo apareceu como um referente importante. Este trabalho, portanto, é resultado de uma relação que se deu no decorrer da pesquisa e das inquietações produzidas a partir dos olhares sobre os chamados “corpos velhos”.

### *Envelhecimentos e sexualidades*

Percebeu-se que estes encontros em um espaço público mais do que evidenciar o surgimento de novos comportamentos para a velhice, configuram-se a partir de certos atributos de gênero na organização do cotidiano de vida desses sujeitos. A dinâmica social que hierarquiza as relações de gênero, através dos modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, regula as relações sociais através de uma grade de interpretação que molda as expectativas quanto ao comportamento desses homens.



As práticas presentes no contexto de homossexualidade do centro da cidade evidenciam que o entendimento dos lugares e posições de homens e mulheres nas relações sociais encontra-se marcado por uma grade de interpretação de significados que os constitui como sujeitos gendrados. Nesse sentido, a masculinidade forjada neste espaço público por homens aposentados configura-se como um modelo produzido juntamente e em relação a outras masculinidades (CONNELL, 1995), a partir de marcadores como a trajetória de vida associada à dedicação ao trabalho, como provedores e protetores da família, a heterossexualidade e a virilidade.

Assim, o fato de uma mulher estar investigando entre homens mostrou-se importante para a compreensão da forma como se construiu as questões de pesquisa, ou seja, a partir das expectativas de gênero e da situação de parceria potencial, que caracterizaram a pesquisa de campo, compreendeu-se que não se poderia falar sobre as representações de velhice e envelhecimento desses homens sem considerar a sexualidade como uma notável ferramenta analítica para se pensar as representações de ser ou não ser velho.

Um exemplo no qual se observa as significações produzidas sobre sexualidade e envelhecimento diz respeito à compreensão de que a manutenção da saúde física e capacidade funcional para a atividade sexual são condições para “*envelhecer com virilidade*”. Por isso, como afirma Adolfo<sup>3</sup>, um homem somente será considerado velho se for incapaz de manter o exercício sexual frequente:

Nós levamos a vida, o restinho de vida meio... Se não dá para dar uma hoje, a gente dá outra, dá amanhã. A gente também tem as folgas da gente, né. Ou às vezes se quer muito esforça dá uma de manhã e outra de tarde, mas não é sempre, né. Risos [...] A gente encontra parceiras aqui. A hora que gente quer a gente chama uma. Tem aos montes aí. (Diário de campo, maio de 2009)

Considera-se que no contexto de sociabilidade do centro há uma disposição cultural que se integra a um componente relevante nos contornos da masculinidade, a qual os homens se empenham em manter, seja através de performances jocosas ou da prática sexual: a importância de ser sexualmente ativo para a definição de uma identidade de gênero. Verifica-se que os significados associados à disfunção erétil e o conseqüente afastamento de certas prerrogativas que constituem a masculinidade surgem através de piadas e brincadeiras referentes ao avanço da idade, como anotação do diário de campo:

Xavier após ouvir minha resposta a pergunta sobre a minha idade e a idade de meu namorado olhou-me com um sorriso malicioso e exclamou: “*Espertinha, ahn?!*” Olhei-o sem entender do que se tratava, então perguntei: “*Por que meu namorado é mais novo?*” Então, Xavier respondeu: “*Espertinha, vai aproveitá-lo por mais tempo*”. Risos. (Diário de campo, julho de 2009).

---

<sup>3</sup> Todos os nomes citados ao longo do texto são nomes fictícios para preservar o anonimato dos informantes.



Compreendeu-se, então, que ele referia-se à diferença de idade entre o namorado da pesquisadora e a mesma e as vantagens que esta poderia obter com a diferença etária. A partir desta brincadeira, percebeu-se o quanto a sexualidade ativa, marcada pela ereção, era positivado como um elemento importante no processo de significação do envelhecimento.

Vale de Almeida (1996) argumenta que o corpo é investido simbolicamente como base existencial da cultura, de modo que o processo de incorporação dos significados de gênero passa a ser consensual e concretamente vivido. Como demonstra Ceres VÍctora (1997), as práticas e representações sobre o corpo, a sexualidade e a reprodução geradas em determinado contexto sócio-cultural são fundamentais para compreender como a internalização (*embodiment*) de um *habitus* de gênero dá forma e significado ao aprendizado relativo tanto à composição do corpo do homem quanto à identidade masculina.

A esse propósito, salienta-se uma situação de pesquisa em que, enquanto a pesquisadora aguardava um informante de pesquisa, outro homem, Xavier, curioso, aproximou-se e perguntou se esta estava esperando seu namorado. Foi explicado que na realidade estava realizando uma pesquisa sobre envelhecimento e masculinidade, com velhos que vão ao centro, comentando sobre a pergunta que norteava a pesquisa: como homens envelhecem? Xavier e seu amigo, que estava próximo, ao ouvirem a conversa, riram e falaram:

Mas nós estávamos falando disse agora há pouco. Isso é uma coisa complicada. A gente envelhece na farmácia. Cheio de remédios. Estávamos falando sobre envelhecer com virilidade. Temos que envelhecer com virilidade. Tem aqueles que envelhecem de remédio. É aquele que vive na farmácia. Tem aqueles que morrem de remédio e outros de armário. *Risos*. (Diário de Campo, julho de 2009).

Envelhecer com virilidade, portanto, significa envelhecer e manter a capacidade de ereção sem o uso de qualquer tipo de medicamento, como o Viagra, por exemplo. Como informa Xavier é comum entre eles, quando reunidos no centro, mostrarem o Viagra, afirmando fazerem uso frequente deste. Contudo, afirma que a despeito da idade ainda consegue fazer sexo sem o uso de qualquer medicamento, frisando que mantém um bom desempenho, obviamente com limitações em função do avanço da idade.

Portanto, para estes homens a atividade sexual torna-se um dos indicativos de que o corpo, apesar do processo biológico de envelhecimento, ainda mantém as condições desejáveis para a sua realização. Assim, um corpo saudável e apto para a vivência da sexualidade demonstra que, apesar da passagem do tempo e o surgimento dos sinais de envelhecimento, o desejo não desaparece, e a capacidade de transformá-lo em ato se faz presente. Isto é condição para envelhecer com virilidade.

Bom, depende também da vivência do homem. Se o homem fuma, ele bebe bastante, se ele fuma bastante. O homem com 50 anos já tá virando também num velhinho já. Já começa a ficar, né... O sexo pra ele já começa a



ficar, começa a desaparecer e tal e aí já vai mudando tudo. Agora o cara que nunca bebeu, não fuma e tal, se controla e tal, o cara aí vai mais longe... [...] Tem muito homem que se controla, mas têm outros que não. Se ele se controla aí ele vai mais longe. Ele vai mais longe pra fazer sexo. (Jorge).

Esses elementos sinalizam que os significados sobre o que venha a ser o sexual estão informando sobre um conjunto de valores que marcam traços de masculinidade como fundamentais para a constituição das identidades, entre eles o desempenho sexual apoiado na expectativa da penetração. Por isso, a ereção é extremamente valorizada tanto como constituinte da masculinidade desses homens quanto como marcador de diferença. Como destaca Mauro Brigeiro (2002) a respeito de sua pesquisa sobre sexualidade e envelhecimento em um universo de sociabilidade masculina:

*As performances* exibidas denotam que as práticas relacionadas à sexualidade são centrais para o gênero masculino e, no universo pesquisado, parecem manter esse valor ao longo de suas vidas. Apesar das limitações que o envelhecimento físico impõe ao exercício sexual, eles tentam demonstrar – seja através da jocosidade, seja por meio dos comentários e da simulação das práticas sexuais – a importância da virilidade na interação com os outros membros do grupo (BRIGEIRO, 2002: 196).

Vale de Almeida (1996) destaca que o modelo cultural de masculinidade é um modelo ideal que serve de padrão de avaliação, definição, aquisição, manutenção e de disputas de atributos que visam a constituir a pertença ou não ao modelo. Mas como a masculinidade é constituída por assimetrias (como heterossexual/não-heterossexual) e hierarquias (de mais a menos “masculino”), nem sempre o modelo de masculinidade hegemônica é atingido ou aceito por todos os sujeitos, estando sempre passível de negociações conforme contextos sócio-culturais. É necessário considerar, assim como pontua Brigeiro (2002: 197) sobre o contexto de pesquisa estudado, que entre os homens velhos entrevistados parece compor-se um modelo de masculinidade *hiperviril* a partir de categorias de percepção de uma certa concepção ideal de masculinidade.

Hoje em dia com essa nova, com esse novo remédio, aí essas coisas, inclusive os velhos fazem. Eu não sei. Acho que contam vantagem. Eles contam vantagem, Viagra no bolso, mostrando. Têm muitos aí. Tu vai ali. Tu quer ver velho, tem o clube dos coroas ali, quarta-feira. Vai ali e tu vai ver velho de montão com viagrinha no bolso. Tem de tudo. As velhinhas também são... Não é só os homens, as velhinhas também gostam. Velhinha aí com 70, 75, 80 anos que não dão folga. Ainda mais com o Viagra. Estimulante. Dilatador. Aí vai embora. (Diário de campo, julho de 2009).

Depois de uma certa idade a gente tem que ter argumento pra contentar a mulher, né. Tu entende, né? Argumento físico. Pra não dizer direto sabe, tu sabe. A mulher não precisa de nada disso. O homem precisa. Chegar com uma polenta velha braba não adianta, né. [...] Agora só com remédio. Só com o Viagra. Eu sou um cara. Vou te dizer, vou ser sincero. Eu tomo comprimido mesmo. Tomo e carrego junto comigo. Eu tenho no bolso aqui comigo. Se caso eu encontrar uma pessoa eu vou e tomo. (Jorge).

Conforme Bourdieu (2002), os homens, para serem reconhecidos pelos outros como fazendo parte do grupo de “verdadeiros homens”, devem afirmar constantemente sua virilidade, a fim de ser atestada e validada pelo grupo. Nesse sentido é que o Viagra na bolsa ou na carteira pode ser



considerado uma imagem de masculinidade viril, na medida em que sinaliza, em primeiro lugar, que estes homens estão sempre prontos para ter relações sexuais e, em segundo, para se considerarem não velhos há necessariamente a passagem pela via corporal, na qual a capacidade de ereção, a virilidade, é condicionante da categorização.

Com base no exposto, é correto afirmar que é através da relação entre o *habitus* construído segundo uma di-visão sexuada do mundo e a organização do contexto de sociabilidade no qual se inserem segundo esta di-visão que se engendram os investimentos em um modelo de masculinidade. A importância da sexualidade nas ações cotidianas destes sujeitos está associada ao empenho em reconhecerem-se nesse modelo que de modo mais geral também se integra a um movimento de resistência.

Isso não significa que estejam empenhados em um processo de negação da velhice através da construção de um novo *ethos* e adoção de novos projetos para obterem um envelhecimento bem-sucedido. Pelo contrário, como argumenta Debert (1988), os homens velhos tendem a ser mais conscientes do processo de envelhecimento e reconhecerem que não são mais jovens e, conseqüentemente, não possuem mais a mesma disposição para manter o mesmo ritmo de determinadas atividades. No entanto, não querem ser posicionados e posicionarem-se no modelo de velhice assexuada e em decadência física, psíquica e social. Por isso, procuram estratégias por meio das quais possam diferenciar a experiência de outros sujeitos considerados pertencentes ao modelo de velhice de suas experiências individuais de envelhecimento.

É nesse sentido que para os homens, a capacidade de manter relações sexuais com penetração e sem utilização de medicamentos é determinante para nomear sujeitos como velho e não velho. A sexualidade, assim, associa-se ao empenho em reconhecerem-se em um modelo de envelhecimento que de modo mais geral torna-se uma prerrogativa para uma velhice ativa e saudável.

### *Considerações finais*

Observou-se que o centro configura-se como um espaço gendrado por meio de práticas que não apenas legitimam determinadas noções de gênero, como são re-afirmadas e significadas por elas. A experiência de envelhecimento é marcada por estratégias de preservação de determinados traços de masculinidade ao compor-se um modelo de masculinidade viril, a partir da valorização da sexualidade ativa como característica fundamental que marca a condição desses sujeitos como não-velhos.



A sexualidade, neste contexto, torna-se uma importante ferramenta para compreender como uma série de condições corporais confirma quando alguém pode ser considerado velho. Como se observou as marcas corporais, que definem a capacidade para a atividade sexual informam sobre o modo como estes homens estão significando o envelhecimento, ao demarcar o que é e quem pode ser velho ou não. Para estes homens a capacidade para a atividade sexual passa pela via corporal, expresso pela capacidade de ereção. Deste modo, a atividade sexual torna-se um dos indicativos de que o corpo, apesar do processo biológico de envelhecimento, ainda mantém as condições desejáveis para a vivência da sexualidade.

Entende-se que a forma como se concebe o que seja sexual vai variar conforme contextos sócio-culturais, períodos históricos, em diferentes grupos dentro de uma mesma sociedade e ao longo da vida de um sujeito. No que tange ao envelhecimento, a visão da sexualidade como equivalente à reprodução ou como um referente biológico subjacente que tenderia ao declínio deve ser relativizada, haja vista que está sujeita à modelagem sócio-cultural.

Nesse sentido, um homem ser sexualmente ativo implica em muito mais do que a naturalização da sexualidade como um instinto, mas ao contrário, sendo mediada pela cultura, os significados produzidos são atravessados (e atravessam) representações de velhice e envelhecimento. Dentro desse contexto, observa-se que a forma como os discursos produzidos pelos homens, seja nas performances jocosas, seja por reflexões a respeito da qualidade do exercício sexual, são significativos para compreender os sentidos produzidos sobre a masculinidade viril.

Assim sendo, para compreender os significados produzidos em torno do processo de envelhecer é preciso considerar que a sexualidade torna-se uma das condições por meio das quais os homens empenham-se em demarcar a sua experiência pessoal de envelhecer como diferente da velhice enquanto decadência física, psíquica, social e sexual. Portanto, *velho* é sempre o outro.

### *Referências Bibliográficas*

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRIGEIRO, M. M. C. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade: relativizando uma problemática. In: BARBOSA, R. M.; AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; BERQUÓ, E. (orgs.). **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 171-206.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.



DEBERT, G. G. Envelhecimento e representações sobre a velhice. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 6, 1988, Olinda. **Anais...** v. 1. ABEP: Olinda, 1988. p. 537-556.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 37-50.

VALE DE ALMEIDA, M. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico 95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-190.

VÍCTORA, C. G. Os homens e a constituição do corpo. **Corpus – Cadernos do NUPACS**, Porto Alegre, v. 5, p. 1-33, 1997.